

a ghostwriter

julie clark

Tradução de Jorge Colaço

*Para a Poppy e todas as jovens — do passado
e do presente — que continuaram a sua luta.*

NOTA DA AUTORA



Parte desta história decorre em Ojai, na Califórnia, na década de 1970. Fiz o possível para me manter fiel à geografia e às pessoas desse tempo, embora tenha tido de fazer algumas alterações de menor importância para se adequarem à história. A alteração mais assinalável é a feira de verão de Ojai retratada nestas páginas. Houve diversos eventos deste género em Ojai ao longo de décadas: o Dia de Ojai original, que ocorreu entre 1917 e 1928, e um outro na década de 50. A Nordhoff High School organizou uma feira por um breve período na década de 90 até que, por fim, o Dia de Ojai foi reativado no Libby Park no outono de 1991.

Alterei também a geografia do bairro e das casas em redor da Ojai Meadows Preserve de modo a não se assemelhar à de qualquer bairro ou casas existentes. As minhas razões em breve se tornarão claras.

Um agradecimento especial a Wendy Barker do Ojai Valley Museum por me pôr em contacto com o historiador local e residente desde sempre Craig Walker. Craig foi fundamental para a minha compreensão da Ojai da década de 70, falando-me sobre a geografia do que é agora a Ojai Meadows Preserve e das zonas do centro, bem como de muitas das coisas que as crianças faziam em Ojai nessa década. Quaisquer erros são estritamente da minha responsabilidade.

PREFÁCIO



«**E**u sei o que o teu pai fez.» Foi no ano em que fiz dez anos, e um dos meus colegas de turma tinha-se esgueirado para o banco ao meu lado, na escola, e eu senti no meu ouvido o bafo quente da sua voz sussurrada.

Pousei a minha sanduíche de mortadela. «Ele escreveu um livro.» Eu não tinha ficado entusiasmada com a ascensão meteórica do meu pai como autor. Falava mais alto. Bebia mais do que o habitual — o que já era imenso, para começar — e viajava mais, deixando-me em casa com a sua assistente, Melinda, uma jovem que agora entrava em nossa casa com a sua própria chave. Que me dizia que o meu pai estava demasiado ocupado para assinar os meus testes de Matemática ou verificar a minha ortografia.

O sucesso do meu pai tinha deslumbrado o mundo literário — os seus livros estavam agora ao lado dos de Stephen King nas prateleiras e nas listas dos mais vendidos, e havia semanas em que o ultrapassava nas vendas. Mas também chamara a atenção do resto de Ojai, sussurros e recordações que se tornavam suficientemente audíveis para os miúdos darem por isso.

O rapaz, de cujo nome já não me recordo, abanara a cabeça com olhos cintilantes de alegria por ser ele a dizer-me. Por despedaçar a minha vida ali mesmo na cafetaria da escola. «O teu pai matou o irmão e a irmã. Assassinou-os na sua própria casa.»

«És um mentiroso», acusei-o. «És apenas um invejoso.»

Mas a reação dos outros miúdos à nossa volta retirou certeza à minha voz. Porque não era o ceticismo trocista que eu esperara, mas sim um choque silencioso por ele ter tido a coragem de dizer em voz alta o que todos os outros já sabiam.

Foi assim que começou. Foi assim que eu descobri o segredo negro que habitava no centro da minha família.

A partir daí, o homicídio de Danny e Poppy Taylor tornou-se uma história contada através de sussurros abafados em festas de pijama, juntamente com mesas falantes e aparições da Maria Sangrenta no espelho à meia-noite. Dois miúdos, exatamente como nós, mortos à facada em 1975 enquanto toda a cidade celebrava o início oficial do verão na Feira de Ojai a uma centena de metros atrás da nossa casa.

Todos os meus colegas de turma se tornaram especialistas na história, apesar de, quando ela começou a circular entre eles, o Danny e a Poppy terem morrido havia mais de quinze anos. A história de como a Poppy deveria encontrar-se com a sua melhor amiga no Tilt-A-Whirl depois de uma rápida passagem por casa para ir buscar uma camisola. De como ela fora emboscada, assassinada no seu próprio quarto, enquanto o seu irmão mais velho, Danny, fora morto no corredor, apenas a uns passos de a salvar.

Velhos recortes de jornais foram desenterrados de armários e passados de mão em mão no recreio como contrabando, miúdos a estudar as fotografias da turma. A constituição frágil da Poppy, de cabelo encaracolado, que parecia emaranhar-se facilmente, e sardas a salpicarem-lhe as maçãs do rosto. A forma como o rosto do Danny resplandecia de potencial perdido, e o seu sorriso radiante era uma promessa nunca cumprida.

Discutiam o sítio onde Danny fora encontrado, quão desesperado ele devia estar para conseguir alcançar a irmã mais nova, para a proteger à custa da própria vida. Mas o Danny fracassara, a Poppy tinha morrido, e os seus nomes tornaram-se propriedade de outros, arrancados ao passado e trazidos para o presente. *Não acabes como o Danny e a Poppy.* Enterrados no meio das perguntas de rotina dos pais. *Vai estar algum adulto em casa?*

Tudo na minha infância subitamente fazia sentido. O grave zumbido que parecia seguir-nos onde quer que fôssemos. O espaço a mais na fila do supermercado. Um telefone que nunca tocava para combinar datas para brincar ou convidar para festas de aniversário. Sempre achei que era porque a minha

mãe se fora embora quando eu tinha cinco anos, uma vergonha que pesou sobre mim até outra maior a ter substituído.

Assim que soube, não foi difícil encontrar os álbuns escondidos no fundo do armário do meu pai.

Uma fotografia antiga com a caligrafia floreada da minha avó nas costas: *Danny com nove, Vince com oito, Poppy com seis* — alinhados sobre um sofá castanho às riscas, posando de pijama com canecas de chocolate quente na mão. Uma outra, uns anos mais tarde, a jogar às cartas em volta de uma pequena mesa de cozinha de fórmica, a mãe apenas um borrão ao fundo, a suave espiral de fumo do cigarro do pai a desprender-se do cinzeiro no limite do enquadramento.

Marquei a passagem do tempo à medida que os três irmãos ficavam mais velhos, e os anos e os dias se aproximavam sorrateiramente de 13 de junho de 1975.

Faltavam três anos quando lavaram a carrinha da família junto à garagem — o Danny com os seus calções, a segurar na mangueira, o meu pai um rapazinho magricela de treze anos sem camisa, curvado a esfregar o capô do carro, e a Poppy, com onze anos, a guinchar no momento em que um jato de água lhe atinge as costas.

Faltavam dois anos numa cerimónia de entrega de prémios académicos ao Danny, alto e elegante no seu fato, os meus avós, ainda muito direitos, um de cada lado.

Faltava um ano na festa dos quinze anos do meu pai, pairando sobre um bolo de aniversário caseiro, a olhar diretamente para quem estava a tirar a fotografia.

Faltavam dez meses na fotografia da turma do nono ano da Poppy, cujo sorriso deixava ver um dente da frente ligeiramente torto, que ela provavelmente odiava, o seu cabelo comprido puxado para trás com dois ganchos colocados mesmo acima das orelhas. Perguntei-me se, em alguma medida, ela sabia o destino que a esperava no final do ano letivo. Se sabia que aquela ia ser a última fotografia da turma em que ela se encontrava. Ou se pura e simplesmente estava a pensar se o seu cabelo estaria bem ou como se sairia no exercício de matemática que poderia ter de fazer mais tarde naquele dia.

Li e reli a retrospectiva daqueles dez anos, remoendo as mesmas teorias, as mesmas perguntas que pareciam arder nas mentes dos que conheciam o Danny. Que tinham adorado a Poppy. Todos falavam do potencial do Danny, da sua popularidade, do seu sentido de humor. Descreviam o empenho feroz da Poppy na igualdade de direitos. A sua tenacidade. O seu sonho de se tornar realizadora de cinema.

E falavam também do meu pai. A forma como levava uma piada demasiado longe, frequentemente rasando a crueldade. Como ele sempre se esforçara — e falhara — para se encaixar. Na altura, todos se tinham perguntado quão desajeitadamente o Vincent conseguira arranjar aquela namorada.

A que viria depois a tornar-se minha mãe.

As suas histórias puseram a descoberto partes de mim mesma que sempre ali tinham estado — a intensidade do meu pai. A insegurança da minha mãe. O ardor da minha tia e o carisma do meu tio.

Mas enquanto *ghostwriter* — uma pessoa que ouve histórias de outros e as transforma numa narrativa —, compreendo agora quão difícil é descobrir o que alguém decidiu esconder. E quando morrem, os seus segredos ficam enterrados no tempo até não haver mais ninguém por perto para se recordar deles.

A única pessoa que agora resta é um homicida de cinquenta anos que está no centro da minha família, tão parte integrante do meu ADN quanto o meu cabelo castanho.

Imaginei o dia 13 de junho de 1975 um milhão de vezes. Posso vê-lo mentalmente, como se o visse de cima, vendo-o desenrolar-se como um filme. Uma jovem adolescente a correr para casa para ir buscar uma camisola, e a casa está mesmo à sua frente. As luzes da rua já estão acesas? O médico-legista fixou a hora da sua morte por volta das sete da tarde, a do Danny pouco depois disso.

A Poppy não fazia a mínima ideia do que estava prestes a acontecer-lhe naquela casa. O pesadelo horrendo em que os seus últimos instantes se transformariam. Não importa quantas foram as formas pelas quais o imaginei, ela nunca teve qualquer hipótese. No lapso de uma hora, segundo os resultados da autópsia, o meu pai transformara-se de filho do meio em filho único.

Algumas pessoas dizem que foi o trauma que impulsionou o seu crescimento de modo a tornar-se um dos mais prolíficos escritores de terror da sua geração. Outros não são tão generosos.

O meu pai é um romancista talentoso — um mentiroso profissional por ofício e por instinto. Não sou suficientemente ingénua para pensar que tudo o que ele me contou é a verdade absoluta. Convido-vos a julgarem por vós mesmos, como eu tive de fazer.

Olivia Taylor Dumont
13 de junho de 2025

CAPÍTULO 1



Março de 2024

Estou a lavar a minha caneca do café, e a água quente cai sobre o fundo do lava-louças de cobre quando o meu telemóvel toca. Limpando as mãos a uma toalha, atravesso a divisão em direção à mesa de jantar comprida que comprei numa feira de velharias há uns anos.

Agarro no telemóvel a vibrar, à espera de ver o nome e a cara do Tom aparecerem no ecrã. Ele liga-me sempre quando está a caminho do local de trabalho e passamos a sua viagem a falar dos eternos tópicos a que sempre voltamos — por que razão o Congresso se comporta como um bando de garotos mimados. Ou o que aconteceu realmente a JonBenét Ramsay. Outras vezes, dá-me conselhos e orienta-me no meu pânico por não ser contratada para nenhum trabalho há um ano. Independentemente disso, sempre que nos encontramos, não paramos de falar. Compreendo, finalmente, o que as outras pessoas querem dizer quando referenciam a sua *pessoa*. O Tom é a minha pessoa e eu sou a dele.

Mas não é o Tom que está a ligar; é a minha agente literária, a Nicole. A única pessoa do mundo da edição com quem eu ainda falo. Inicialmente, os amigos da escrita entravam em contacto comigo, oferecendo-se para me apoiarem. Convidando-me para tomar café ou uma bebida. Enviando-me ligações para retiros de escrita e conferências. Mas quando continuei a descartá-los, esses convites transformaram-se em textos e *emails* encorajadores, depois acabaram por desaparecer por completo.

Atravessa-me uma pontada de esperança. Talvez o meu exílio tenha finalmente chegado ao fim.

Olho pela janela ao longo do terraço anexo à estrutura de madeira que me serve de estúdio para escrever, e pergunto-me quantos meses passaram desde que aqui entrei. Seis? Dez? A minha mente toca rapidamente em Tom outra vez, o homem que o desenhou, imaginando a sua alegria se lhe pudesse dizer que tinha finalmente terminado um livro.

— Espero que estejas a ligar por causa de um trabalho — digo eu.

Passou mais de um ano desde que participei numa importante conferência literária — a única mulher escritora convidada para participar num painel sobre a prática dos *ghostwriters* no século XXI — e destruí a minha carreira.

— Estou — diz a Nicole, depois hesita, como se não tivesse a certeza de como prosseguir. — Mas não é... típico.

Cruzei as portas de correr de vidro que dão para o pátio de chão de pedra de onde se vê o desfiladeiro e, em dias de céu limpo, o oceano ao longe. Mas hoje o céu está cinzento, as árvores verdes lá em baixo ainda a começar a surgir à medida que o manto de nuvens matinais começa a dissipar-se. Esta casa, empoleirada no alto das colinas de Topanga Canyon, e adquirida com o meu primeiro grande adiantamento — um livro sobre uma jovem golfista que emergiu do sistema de acolhimento familiar e ascendeu ao palco nacional —, foi o mais perto que cheguei da sensação de me sentir em casa desde que deixei Ojai pela última vez aos catorze anos.

Adoro esta casa, com as suas paredes de pedra e reboco, canalização delicada e recantos peculiares. Nem toda a gente quer viver sobre a estrada de um desfiladeiro serpenteante a pelo menos trinta minutos de qualquer conforto básico. Para não falar dos incêndios anuais que mantêm os residentes de Topanga altamente alerta em relação ao estado do vento e do clima, de mochilas aviadas nos porta-bagagens dos carros, prontos para evacuarem as suas casas de um momento para o outro. Mas eu compreendia o perigo. A sua sombra é-me familiar, como uma estrada de terra batida que nos leva a casa, cujas curvas e contracurvas se desenrolam como uma memória. Quando se cresce a ouvir dizer que o nosso pai é um assassino, aprende-se a compartimentar o perigo de uma forma que nos permite ignorá-lo a maior parte do tempo, apesar de termos o nosso subconsciente permanentemente alerta. Preparando-se para isso. Esperando que isso venha à tona.

— Diz-me — peço.

— Fomos contactados pela equipa do Vincent Taylor. Sabes, o que escreve livros de terror? Queres que escrevas o seu próximo livro como *ghostwriter*.

Mal consigo sentir a brisa a bailar-me em volta dos tornozelos e ao longo dos meus braços nus, a minha mente ficando um amontoado confuso e rodopiante ao ouvir referir aquele nome. Vincent Taylor, o meu pai. Não falo com ele há pelo menos vinte anos, e ninguém na minha atual vida sabe que existe parentesco entre nós. Ele é o núcleo obscuro que eu isolei do resto da minha vida.

A Nicole apressa-se a preencher o meu silêncio.

— Eu sei que isto não é o teu nicho habitual, mas é um trabalho, e eles estão a pedir-te a ti.

— Não sou romancista — digo, por fim, numa voz mais alta do que o normal, e aclaro a garganta para ocultar os nervos. — Há montes de gente que poderia fazer isso melhor do que eu.

Ouçõ a Nicole remexer em coisas em cima da secretária e imagino a vista que ela tem da sua janela em Manhattan, a rua movimentada lá em baixo entupida de carros e peões.

— Eu sei disso, mas dizem-me que ele insiste em ti. — A sua voz baixa uma oitava, curiosa. — Tenho de perguntar: como é que o conheces?

Instalo-me numa das cadeiras de ferro que rodeiam uma mesa exterior, com ramadas de glicínias entrecruzadas por cima. A brisa faz oscilar a única lâmpada suspensa sobre mim, um bafo de ar que serpenteia ao longo do desfiladeiro.

— Não conheço — respondo.

Não é mentira. Trabalhei arduamente para criar uma vida separada do meu pai, vivendo no estrangeiro até conseguir ter a certeza de que os média americanos se tinham esquecido de que Vincent Taylor um dia tivera uma filha. Regressei em 2005, com dupla cidadania e o apelido do homem com quem estive casada por pouco tempo nos meus vinte e poucos anos — Dumont. Mas há muito mais tempo que não considero Vincent Taylor alguém que eu conheça.

Após o meu regresso, trabalhei como jornalista, pensando que queria escrever acerca de pessoas como o meu pai, gente que quebra as regras, engana o sistema e tira partido dos seus privilégios. Mas odiava isso. Sempre a lutar para obter a história. A emboscar pessoas no parque, no supermercado, ao telemóvel, tentando arrancar uma citação que elas não queriam dar. A fazer a mesma coisa que me tinham feito a mim, até conseguir mudar o meu nome e desaparecer.

Foi por acaso que acabei a escrever por conta de outros. Uma antiga colega de turma da faculdade tornara-se responsável de edição numa grande

editora de Nova Iorque. Ela entrou em contacto comigo por causa de um projeto de livro em relação ao qual havia já um contrato — umas memórias de uma lenda icónica do cinema da década de 60. O *ghostwriter* tinha largado o projeto por razões desconhecidas. A minha amiga estava num aperto e precisava de alguém que conseguisse cumprir o prazo. Eu disse que sim e descobri que era boa naquilo.

Desde então tenho enchido o mundo de livros sobre mulheres fortes. A primeira mulher asiática-americana a ter ido ao espaço. Políticas que mudam o panorama dos direitos das mulheres. Cientistas que estão no topo dos seus campos de conhecimento. Adoro o anonimato do *ghostwriter*, a capacidade de me meter na pele de outra pessoa e habitar a sua vida apenas o tempo suficiente para contar uma boa história. Ninguém consegue perceber quem eu sou ou recordar-se de quem é o meu pai. Sou uma mão invisível sobre a página em vez do nome na capa.

— Bem, é bastante dinheiro — continua a Nicole. — Ele vive em Ojai, por isso a vista também não é má.

— Há mais alguma coisa? — perguntei, subitamente desesperada. Uma pergunta que fiz demasiadas vezes para que conte. Em textos, *emails*, chamadas telefónicas. Mas, na verdade, o que estou a perguntar agora, depois de tantos anos de sucesso, é como é que eu vim aqui parar? A única coisa que fiz nesse dia foi dizer em voz alta o que toda a gente estava a pensar. John Calder, o homem que ocupava o centro do palco, cujo livro mais recente sobre um político que se transformara num traficante de sexo condenado era ofensivo e misógino. «É só uma questão de dinheiro, John, ou há uma linha que não ultrapassa? Uma pessoa que não ponha nos píncaros, independentemente do valor do adiantamento?», perguntei eu quando chegou a minha vez de falar.

Não me lembro de qual tinha sido a pergunta original, sendo o moderador um crítico respeitado do *The New York Times*. Mas consigo ainda ouvir a inalação coletiva do público, o modo como a cabeça de toda a gente rodou para o sítio onde eu estava, numa ponta do palco, a minha cadeira de um tom de azul diferente do de todas as outras, como se a minha presença ali tivesse sido uma ideia tardia. E eu soube nesse momento que cometera um erro. O moderador tinha pigarreado e dito: «Conte-nos como é que realmente se sente, Miss Dumont.» A multidão rira e a conversa prosseguiu, mas soube naquele momento que as minhas palavras tinham sido fatais. Criticar publicamente um homem como John Calder, com a sua longa lista de *bestsellers* e as suas ligações a círculos influentes, que iam desde a política à indústria do entretenimento, sem levar em linha de conta os tópicos depravados que ele

introduziu no discurso público, era um erro que a Nicole não poderia fazer desaparecer.

O editor do livro que eu andara a promover pediu-me para publicar um pedido de desculpas. Em vez disso, desatei a barafustar numa rede social acerca da misoginia na edição, que elevava homens como John Calder. Isso fazia com que lhes pagassem o dobro das suas colegas mulheres, com maiores orçamentos de *marketing*, que faziam disparar as vendas. O que, por sua vez, os fazia auferir ainda maiores adiantamentos. Estava exausta pela quantidade de trabalho que dava ficar apenas em segundo. E também zangada pelo facto de o talento importar tão pouco às pessoas do topo. As últimas quatro postagens nessa linha selaram o meu destino:

(7/10) Enquanto o resto de nós está aqui a tentar fazer o trabalho duro de promover vozes marginalizadas, contando histórias que interessam ao bem coletivo, John Calder decidiu seguir um caminho diferente.

(8/10) Talvez os semelhantes se atraiam mutuamente. Somos aqueles de quem nos rodeamos, e John Calder rodeia-se de alguns dos indivíduos mais vis e corruptos da nossa sociedade.

(9/10) Estou a falar do político pedófilo. O CEO que é também um supremacista branco. O juiz que deixa passar uma violação para que isso não «arruíne a vida de um jovem».

(10/10) Desconcerta-me que haja editores que queiram apoiar gente como esta. Que acham que John Calder é suficientemente talentoso para lhe darem dinheiro e uma plataforma de destaque.

Por causa disto, John Calder fez um ataque nos média nacionais condenando a minha tentativa de o prejudicar. Depois processou, alegando que perdeu contratos de dois livros por minha causa, tendo os autores decidido seguir uma orientação menos controversa. O julgamento teve lugar no estado onde o festival literário se realizara, e eu dei por mim à frente de um juiz mortinho por pôr uma mulher desbocada no seu lugar. Aplicou-me uma multa proibitiva, 500.000 dólares, e aconselhou-me a ter cuidado com as palavras. A não me deixar levar pelas emoções. *A acalmar-me.*

E embora as pessoas me tenham apoiado em silêncio, isso não chegou ao ponto de me recomendarem para trabalhos como *ghostwriter*. Não era tão simples como mudar o meu nome e escrever sob um pseudónimo. Neste género, é preciso ter um historial comprovado para obter os grandes livros, e o meu fora um dos melhores. Até deixar de ser.

— Sabes que fiz todos os telefonemas — diz a Nicole agora. — Tentei cobrar todos os favores. Temos só de esperar que isto passe.

Para ser franca, é um milagre que ela não me tenha abandonado como cliente.

Quero dizer não a este projeto. Tenho de dizer não — não só porque trabalhei arduamente para me distanciar por completo da minha família e do trauma que existe no centro dela, mas também porque não me vou deixar manipular pelo meu pai. Porque isto não tem, de maneira nenhuma, que ver com trabalho.

— Pensei que o Vincent Taylor se tinha retirado há alguns anos — digo.

— Os homens como ele adoram encenar um regresso — diz a Nicole. — Porém, tenho a sensação, ao falar com a equipa dele, de que as coisas não vão muito bem. Eles esbarraram em alguns obstáculos, e se este livro puder ser publicado no prazo previsto, sem mais problemas, podem estar dispostos a trabalhar connosco noutros projetos. — Ela faz uma pausa enfática. — Isto poderia abrir-te a porta novamente.

Caminhei até ao limite do pátio, onde uma grade artesanal talhada na madeira de um velho carvalho divide a minha propriedade das terras da floresta nacional abaixo dela, e fitei a distância carregada de nuvens.

— Que género de obstáculos? — perguntei. — Qual é o problema?

— Eles foram parcimoniosos em relação aos pormenores. Haverá um esclarecimento total assim que concordos.

Um falcão voa em círculo por cima de mim, e eu sinto um súbito receio, uma afinidade com a criatura invisível que ele persegue.

— Quanto? — pergunto por fim.

— Começaram nos duzentos e cinquenta. Consigo provavelmente puxar mais para cima, uma vez que ele te pede a ti especificamente. Há também uma divisão de *royalties* que, se o livro vender, e não há nenhuma razão para acreditar que não vai vender, será uma sólida fonte de rendimento para ti. — Faz uma pausa. — Poderias não ter de vender a tua casa.

O falcão mergulha e eu viro as costas à vista e regresso à minha casa, recordando o casal que a tinha visitado apenas há uns dias, deslizando pelo acesso no seu *Tesla* silencioso, os pés nus do marido metidos em *mocassins*

italianos caros, a mulher apertando a sua carteira *Birkin* contra o peito enquanto avançavam pelo caminho de terra que serpenteia em direção às escadas de madeira que conduzem à porta da frente. Sorrira-lhes ao sair, sabendo que não queria sujeitar-me às opiniões de potenciais compradores, mas a voz da mulher chegou até mim desde cima enquanto estava sentada no carro com os vidros das janelas para baixo. «Isto é para demolir», tinha ela dito com palavras que escorriam desdém.

E mais tarde, nessa mesma noite, quando a minha agente imobiliária ligou para me dizer que eles não iam fazer qualquer oferta, ela sugeriu baixar o preço. Outra vez.

— Ótimo — digo eu agora à Nicole, sabendo que me vou arrepender. Sabendo que este trabalho me vai custar de uma forma que não consigo sequer começar a imaginar.

— Vou dizer-lhes e volto a ligar-te com os pormenores todos.

— Quando é que ele quer começar? — pergunto.

— Estão com pressa, por isso estou a pensar que a coisa vai avançar rapidamente. Planeia ires até lá no final da semana.

Desligámos, e eu voltei a olhar para o desfiladeiro, não havendo sinal do falcão ou da sua presa. O meu pai costumava dizer sempre: *Sem arrependimentos, sem olhar para trás*. Prometo a mim própria não me deixar envolver em qualquer plano que ele tenha para mim. Este livro tem de ser um ardil; o meu pai há décadas que anda a produzir romances, e certamente não precisa da minha ajuda para o fazer. Vou ver isto como um mal necessário para ultrapassar esta fase da minha vida — para evitar os avisos de conta a descoberto que me chegam quase diariamente pelo telemóvel. Para pagar tanto ao John Calder como à minha advogada. E talvez também chegar a alguma espécie de conclusão relativamente a um homem que foi praticamente um desconhecido durante a minha vida toda.

Não obstante, aos quarenta e quatro anos e depois de uma ausência de quase três décadas, vou finalmente regressar a casa.

CAPÍTULO 2



Na sexta-feira, o Tom veio despedir-se de mim, a luz da alvorada mal roçava ainda o topo da copa das árvores em redor da minha casa. Estou no terraço a beber o meu café, a olhar para o desfiladeiro, revolvida por uma interessante mescla de ansiedade e nervos. Quando o contrato fora parar à minha caixa do correio na quarta-feira, tinha ligado à Nicole para me explicar os pormenores.

— Eles não querem tornar público que ele trabalhou com uma *ghostwriter*, por isso vais precisar de manter isto só para ti — dissera ela. — Sugeriram um acordo de confidencialidade, mas consegui que recusassem, recordando-lhes de que és uma profissional e já trabalhaste em projetos como este.

— Está bem assim — disse eu. A última coisa que queria era deixar que alguém soubesse que eu estava a escrever um romance de terror para um homem quase tão desprezado quanto o John Calder.

A voz da Nicole irrompeu através da linha, lendo o contrato.

— «O AUTOR não revelará a colaboração na OBRA em conversas, entrevistas, comunicação social», blá, blá — leu ela. — Obviamente, uma vez que se trata do Vincent Taylor, ele vai querer que os seus fãs pensem que foi ele que escreveu. Mas o editor vai saber, e isso é tudo aquilo que nos importa a nós.

— Compreendido — disse-lhe eu, não me dando ao trabalho de dizer que levaria este segredo para a cova, alegremente, se isso significasse que

poderia voltar a trabalhar. Tentei não pensar no que a aceitação deste trabalho dizia acerca de mim. Quão facilmente descera ao nível do Calder, assumindo um projeto pelo valor do adiantamento e sem me importar com quem era a colaboração.

O Tom vem até junto de mim e os dois fitamos a distância, o céu de um rosa sedoso que me faz lembrar as montanhas à volta de Ojai ao pôr do Sol. Mas é claro que não menciono o facto.

Quando lhe falei do trabalho, ele fez uma catrefada de perguntas — quem, onde, quanto tempo. Eu desviei a conversa dizendo-lhe que havia um acordo de confidencialidade e que não podia revelar nada. E, ao mesmo tempo que era tecnicamente uma mentira — não me tinham pedido para assinar nada —, racionalizei a coisa recordando a mim mesma que já trabalhara em muitos livros em que não poderia divulgar que eu era a *ghostwriter*, e que isto não era diferente. Mas sabia que ele ficaria zangado se descobrisse. O Tom cresceu numa casa cheia de mentiras — ambos os pais eram narcisistas que trapaceavam, manipulavam e mentiam — e quando a nossa relação se tornou séria, ele foi muito direto sobre como mentir era para ele uma coisa impossível.

Mas eu ainda não sabia disso quando lhe contei a mesma história sobre o meu passado que contei a toda a gente desde que regresssei aos Estados Unidos — que fui criada por dois pais carinhosos e que o meu pai morrerá subitamente de um ataque de coração quando eu estava a fazer o liceu no estrangeiro, e que a minha mãe tinha falecido com cancro do útero quando eu estava na faculdade. Nesses primeiros tempos, quando ainda partilhávamos o essencial sobre as nossas vidas, nunca ponderei contar-lhe a verdadeira história. Durante anos, não contei a ninguém sobre o meu parentesco, ou o que tinha acontecido na minha família. Por isso, não sentia que estivesse a contar uma mentira ao Tom especificamente. A verdade vive muito longe, num recanto longínquo do meu passado, que não tenho intenção de alguma vez visitar. Não havia nenhuma razão para me preocupar com ser descoberta, porque era impossível ter alguma razão para contactar qualquer um dos meus progenitores. Isso não tem qualquer impacto em quem eu sou enquanto sua parceira. Não é, pura e simplesmente, relevante.

— Já tens tudo arrumado? — pergunta-me ele agora.

— Praticamente — digo eu.

Ele puxa-me para si, num abraço apertado, e eu sinto uma pontada de culpa pelo facto de este segredo, que eu pensava estar tão cuidadosamente oculto, estar subitamente tão próximo de mim outra vez. Um coração a pulsar à espera de eu dar por isso.

Ele leva-me ao carro, carregando a minha mala, e inclina-se para me dar um último beijo através da janela aberta.

— Liga-me esta noite, quando já estiveres instalada, está bem?

Olho-o nos olhos fixamente, e neste momento arrependo-me de ter aceitado este trabalho. Não deveria estar a fazer isto — não só a mentir-lhe sobre a legalidade da coisa, mas a regressar a um lugar que decidi deixar há muito tempo. Mas o contrato está assinado, o adiantamento está a ser processado, e a única coisa que posso fazer é esperar poder entrar e sair disto sem incidentes.

Vou pela costa norte, virando para leste em direção a Ojai, em Ventura, deixando a minha mente viajar de volta à infância, antes de eu saber dos homicídios ou de me dar conta da nuvem de suspeita que o meu pai arrastava atrás de si. A um tempo em que vivíamos num apartamento minúsculo junto da Ojai Avenue. Todos os domingos íamos almoçar ao Nina's Diner, onde eu devorava um dos seus hambúrgueres com o célebre molho vermelho e o meu pai se enchia de café forte, tentando mitigar a ressaca com que estava na altura. Entretinha-me com histórias sobre Lionel Foolhardy — um rapaz desastrado e dado aos acidentes, cujas boas intenções geravam desastres aonde quer que fosse —, soltando acidentalmente na sala de aula os porquinhos-da-índia de estimação quando era ele o encarregado de limpar a gaiola. Um pequeno incêndio provocado por uma experiência científica que deu para o torto.

Mas isso foi antes de a carreira de escritor do meu pai ter disparado. Antes de a sua relação com a bebida ter piorado, antes de ter caído também na cocaína. Foi apenas já adulta que me apercebi do que ele estava a fazer — automedicar-se para lidar com os traumas que carregava em si. Drogas, álcool, mulheres — ele constituiu um tópico frequente dos tabloides até os próprios média se fartarem dele.

Não me alhei do meu pai porque acho que ele matou o Danny e a Poppy. Apesar dos seus muitos defeitos, não acredito que o homem que um dia eu idolatrei possa ser um assassino. Mas a fama e o trauma transformaram um pai que fora um dia carinhoso num que eu dificilmente reconhecia. Os hábitos transformaram-se em vícios e o pai que eu conhecia desapareceu, tendo sido substituído por um homem que continuamente me dececionava. Que, após a minha mãe me ter abandonado, decidiu fazer o mesmo. Mandada para um colégio interno no estrangeiro aos catorze anos, passei a maior parte das férias da escola às voltas num *campus* vazio ou com amigas. Quando ele

conseguiu improvisar umas férias juntos, passei o tempo sozinha porque o meu pai agendava sempre palestras de última hora onde quer que fôssemos, e depois passava o resto do tempo no bar do hotel. É difícil saber quem me magoou mais — a minha mãe por se ir embora e nunca mais voltar, ou o meu pai, que desapareceu diante dos meus olhos. Pedacos dele que se esfumavam como num truque de salão, até não restar mais ninguém a não ser eu.

À medida que entro nos arredores de Ojai, reparo nas mudanças na paisagem. O dinheiro novo a deitar a velha Ojai pelo cano abaixo. Atravesso a baixa — com o trânsito a entupir a Ojai Avenue enquanto os turistas atravessam a estrada de dois sentidos, gente a flutuar em bicicletas emprestadas pelo *resort* — e as recordações voltam à tona. De andar às cavalitas do meu pai a comer um cone de gelado. De me agarrar à mão da minha mãe ao atravessarmos a rua, a sua saia esvoaçante mais nítida na minha cabeça do que o seu rosto. Da luz em Ojai, esta mágica tonalidade dourada que se desvanece e se torna rosa quando o Sol se põe. O perfume a eucalipto e alecrim nos quilómetros de caminhos que rodeiam a cidade.

E do Jack Randall, o filho do Mark, o melhor amigo do Danny. Jack, um rapaz que fora igualmente criado por alguém traumatizado por aquele dia em 1975.

Tínhamos todos aprendido desde cedo a viver com recordações de que nunca se falava em voz alta. Mas, juntos, procurámos respostas em segredo, sussurrando as nossas teorias atrás da porta fechada do meu quarto ou à mesa do almoço, na escola.

Para além de folhearmos avidamente os álbuns de fotografias do meu pai, visitávamos a biblioteca, dizendo ao bibliotecário que estávamos a trabalhar num relatório sobre a história de Ojai. Na realidade, passávamos o tempo a percorrer microfichas de artigos e notícias entre junho e julho de 1975, à procura de informação sobre os homicídios. Esses artigos ofereciam pouco mais do que vagas peças do enigma. *Um caso ativo profusamente investigado*. Mas a década de retrospectiva no jornal de Ojai era muito mais detalhada, provavelmente porque o meu pai já não era menor e as pessoas estavam prontas a referir nomes.

A teoria em que a polícia trabalhou desde o início era a de que o assassino fora alguém de passagem pela cidade. A Poppy tinha alegadamente ido à boleia a Ventura e voltado, no fim de semana anterior, e estavam à procura de alguém que a tivesse visto sair desse carro, na esperança de fixar uma marca

e um modelo. À espera de localizar o homem que conhecera uma rapariga jovem e atraente e voltara no fim de semana seguinte porque vira uma oportunidade. O Danny tinha apenas sido um dano colateral. Mas entre a gente dali, havia rumores. Boatos sobre uma história diferente, que começava a vir à tona. Que depois passou entre os meus colegas de turma, como aquele artigo de jornal. Histórias sobre brigas entre o meu pai e o Danny. Sobre o meu pai e a Poppy terem sido vistos a discutir muito pouco tempo antes dos homicídios. Sobre o meu pai ter usado da força com ela.

Há tanto por desvendar, emaranhado não só pela perspectiva, mas pela passagem do tempo. Tinham passado quase cinquenta anos. As recordações haviam-se desvanecido. As insinuações e as suspeitas tinham calcificado em alguma coisa de concreto. Toda a gente tem uma teoria, mas ninguém tem quaisquer respostas. E o meu pai está no centro, recusando-se a reconhecer o que quer que seja.

Uma coisa que ele dirá a quem quer que se atreva a trazer o assunto à baila é que ele tinha um álibi. Ele estivera com a minha mãe, Lydia, o que foi confirmado pelo professor que também estivera com ambos como mediador de uma discussão entre os meus pais. *A polícia considerou-o suficientemente bom. Estou-me nas tintas para o que os outros pensam.*

Em breve, o trânsito abrandará o suficiente para que eu me dê conta de que não resta nenhum dos locais familiares — o salão dos gelados com os seus globos luminosos com as cores do arco-íris, a drogaria do casal onde o Jack uma vez roubou uma pastilha elástica *Bazooka* de cinco cêntimos apenas para provar que conseguia fazê-lo. Mas se eu olhar muito fixamente, sinto que poderia ver o Jack na sua bicicleta de motocrosse a abrir caminho por entre os peões e eu a pedalar com força na minha velha *Schwinn*, tentando alcançá-lo. Sei que ele ainda vive cá, gerindo a vinha da família, e pergunto-me se me reconheceria. Ou se me daria uma olhadela de esguelha, apenas mais uma turista de passagem.

CAPÍTULO 3



A rua do meu pai na ponta leste da cidade permanece praticamente inalterada, e quando viro para o longo acesso à garagem, os anos dissolvem-se. Consulto o pequeno *post-it* no meu tabliê, digitando o código que o advogado do meu pai me enviou, e o portão eletrônico começa a abrir-se. Os pneus rangem sobre a gravilha, a folhagem dos dois lados é densa e verde, entro num parque ao ar livre e estaciono junto de uma fonte de onde costumava borbotar água, mas que agora está seca e rachada.

A casa é uma *hacienda* de dois andares de estilo espanhol que o meu pai comprou pouco depois de o seu primeiro livro vender um milhão de exemplares. À primeira vista, parece manter-se na mesma, mas, examinada com mais atenção, deixa transparecer os anos. Telhas lascadas, a pintura descascada em volta das janelas. Mas os jardineiros têm feito o seu trabalho, conservando o local livre de ervas, substituindo as rosas de que me lembro por plantas resistentes à seca e áreas pavimentadas. Os degraus que conduzem à porta de carvalho da frente estão varridos, os azulejos pintados à mão ainda possuem cor e brilho.

Levanto a mão para bater, mas a porta abre-se, como se a pessoa do outro lado estivesse à minha espera.

Mas não é o meu pai. É uma mulher baixa vestida com um fato de treino azul, com o cabelo grisalho apanhado e enrolado na nuca. Olho por cima dela, à espera de ver ou ouvir o meu pai, mas o espaço por trás dela está vazio.

Ela ergue os sobrolhos, como se estivesse à espera de que eu me explicasse. Olho para o acesso por cima do ombro e depois digo:

— Sou a Olivia Dumont.

— *Dumont*. — Revira os olhos. — Eu sei quem você é. — Por fim, afasta-se, deixando-me atravessar o vestíbulo e entrar no salão. Sou recebida pela mesma mobília: cadeiras de couro muito desgastado e sofás do mesmo formato. O chão de terracota dá um toque acolhedor ao espaço em contraste com as paredes de estuque branco. As vigas escuras no teto alto estão livres de pó e de teias de aranha.

Sem saber bem o que fazer, fico ali à espera. As instruções do advogado do meu pai eram muito específicas. Eu devia ir diretamente para a casa, devendo chegar pelas nove da manhã, o mais tardar. Não devia dizer a ninguém da cidade quem era ou porque estava lá. Ficaria na casa de hóspedes e trabalharia com o Sr. Taylor apenas durante as manhãs.

— Chamo-me Alma — diz ela, embora não diga qual a sua relação com o meu pai: uma companheira? Uma espécie de governanta? — Posso trazer-lhe um chá? Ia agora mesmo fazer um para o Sr. Taylor.

— Gostaria de alguma coisa mais forte, se tiver. Um *gin* tónico? — Dei uma gargalhada oca. — Eu sei que é cedo, mas... — Estou admirada pelo facto de me sentir tão tensa. Eternamente aquela miúda a tremer com nervos na perspetiva de uma conversa difícil com o meu pai.

Ela murmura alguma coisa entre dentes acerca de pais e filhas antes de apontar na direção da escada dos fundos.

— Ele está no escritório. Presumo que saiba o caminho.

Dispensada, subo a escada, um túnel estreito que me deixa mesmo à entrada do meu antigo quarto de dormir. Empurro a porta e vejo que está exatamente como eu me lembro dele. A minha cama empurrada para um canto debaixo da janela, onde eu costumava estender-me e olhar para as estrelas que espreitavam através das árvores. A sonhar com um dia deixar esta cidade. Consegui o que queria, mas nunca esperei consegui-lo tão cedo. Nunca esperei que fosse tão fácil o meu pai despachar-me para a Suíça quando eu tinha catorze anos e retomar a sua vida como se eu tivesse sido uma fase. *Paternidade? Experimentei uma vez. Foi divertido por algum tempo.*

Continuo a andar, passo pela porta fechada do quarto do meu pai e vou até ao fim do corredor, depois desço os três degraus para a porta do seu estúdio, uma divisão de canto empoleirada por cima da garagem. Hesito. A última vez que falei com o meu pai foi na noite da minha formatura. Mas essa não foi a última vez que o vi; isso aconteceu numa conferência literária

em Nova Iorque há cerca de oito anos. Tenho o hábito de verificar sempre a lista dos participantes nos painéis e dos principais oradores antes de marcar presença numa. Se ele estiver na programação, abstenho-me sempre. Mas, nessa altura, ele fora acrescentado tardiamente e eu não dera pelo anúncio. Eu estava com um grupo de amigos no átrio de um hotel em Times Square quando um burburinho à distância chamou a nossa atenção. Uma onda de energia agitou a multidão e o meu pai surgiu, rodeado por acólitos devotos e os promotores da conferência. Olhou na nossa direção, pousando os olhos em mim durante apenas um segundo antes de se afastar, passar pelas portas giratórias e sair para a rua.

— Não posso acreditar que ele ainda seja relevante — tinha dito um dos meus amigos.

Não me recordo do que respondi, tinha a cabeça ainda naquele olhar. Na ausência de reconhecimento, e senti uma mescla complicada de tristeza e remorso. Abandonaria a conferência nessa tarde, invocando uma emergência em casa.

Bati suavemente à porta do seu escritório.

— Entra.

Está sentado à sua secretária em frente às janelas que ocupam uma parede inteira da divisão. O resto é dominado por estantes com livros do chão ao teto, cheias de exemplares dos seus próprios livros, impressos no que devem ser mais de quarenta línguas. Tem agora o cabelo quase completamente branco, parecendo ligeiramente desalinhado, como se tivesse passado repetidamente as mãos através dele, tentando resolver um problema no enredo.

Mas o ecrã do computador que tem à sua frente está escuro. As pilhas de papéis e de livros que enchem o tampo da secretária parecem estar mais arrumados do que serem o resultado de um escritor a trabalhar. Gira na cadeira para me encarar.

Eu fico ali, sem saber bem o que dizer. *Olá, pai* parece demasiado fácil quando o que eu quero perguntar é muito mais. *O que se passa? Porque estou aqui?* Certamente que ele não quer realmente que eu lhe escreva um livro.

— Bem-vinda a casa — diz ele. Deve reparar na expressão patente na minha cara porque depois diz: — Estás com ar de quem tem algumas perguntas.

— Que raio se passa aqui? — pergunto, por fim.

Ele lança-me um olhar penetrante e diz:

— Contratei-te para fazeres um trabalho, Olivia.

Ecoss do passado apoderam-se de mim, a voz autoritária do meu pai

envia-me de volta à infância, e aperto os lábios, recordando a mim mesma que posso sair quando quiser.

— Deixa-me dizer de outra maneira — digo eu. — Porque me trouxeste cá? O que é que realmente queres?

— Pensei que os termos do contrato eram claros.

— Eu não escrevo romances — digo-lhe. — E de certezinha absoluta que não os escrevo para pessoas como tu.

— E, no entanto, aqui estás. — Fitamo-nos mutuamente num confronto silencioso. Depois ele diz: — Lixaste mesmo tudo com aquela coisa do John Calder.

É claro que o meu pai tinha de ter ouvido falar acerca do meu enorme passo em falso. A edição é uma indústria pequena e as pessoas adoram mexericos.

— Nem mesmo eu fui cancelado dessa maneira — continua ele —, e eles achavam todos que eu me tinha safado impune de um homicídio.

— A maior parte das pessoas ainda acredita que sim — digo, incapaz de me conter.

Ele ignora a minha farpa.

— Achei que um trabalho neste momento, até mesmo um romance modesto, seria bem-vindo.

— Não preciso da tua ajuda. — É ofensivo pensar que, após todos estes anos, depois das muitas maneiras pelas quais fracassou como pai — como ser humano —, ele ache que pode aparecer agora com um favor e esperar que tudo lhe seja perdoado.

— Senta-te, Olivia. Ter de levantar os olhos para te ver faz-me doer o pescoço.

A madeira do soalho range sob o meu peso, um ruído familiar apesar de terem passado décadas desde que o ouvi pela última vez. A cadeira acolchoada ainda está ao canto, o local onde um dia fiz os meus trabalhos de casa.

Sento-me, concedendo a mim mesma um momento para olhar bem para ele. A primeira coisa em que reparo é que a camisa não se ajusta aos ombros, já não há com que a encher. As suas pernas parecem dois rebentos por baixo das suas habituais calças de ganga, os tornozelos ossudos e salientes com meias que não condizem, sob as bainhas. É como olhar para um mau retrato de um homem que eu costumava conhecer. Os sinais familiares estão lá — o modo como o seu queixo se projeta, as suas orelhas ligeiramente grandes a irromperem por baixo da cabeleira rebelde. A cana do nariz continua torta. Mas ele está diminuído. Este era um homem cuja intensidade poderia

facilmente dominar uma audiência de centenas de pessoas. Mas agora é como se ele tivesse voltado a ser o adolescente mal-humorado que um dia foi, o tempo completando o seu movimento circular.

Antes de eu conseguir dizer alguma coisa, a Alma entra, trazendo um chá para o meu pai e outro para mim.

— Pensei... — começo a dizer, mas paro quando vejo o olhar que ela me dirige.

— Não há álcool dentro de casa — diz ela. Ao meu pai, pede: — Ainda não lhe disse?

— Ela está aqui há dois minutos. — Ele parece aborrecido, mas os seus nervos manifestam-se na forma como as mãos tremem, no modo agitado como o olhar salta do chá para a janela, para os livros nas estantes.

A Alma fita-o, à espera. Parecem embrenhados numa espécie de discussão silenciosa, até que, por fim, o meu pai capitula e responde à pergunta dela.

— Não.

A Alma vira-se para mim.

— O seu pai está doente.

Olho para ele novamente, perguntando-me o que poderá ser. Cancro? O coração?

Mas a Alma fala por ele.

— É demência por corpos de Lewy. — Ao ver a minha expressão confusa, ela diz: — É um misto de Alzheimer e Parkinson. É degenerativa, embora estejamos a fazer alguma coisa para a abrandar. — Dirige um olhar penetrante ao meu pai e diz: — E trabalhar num livro com a filha distante é uma delas.

Faço um aceno de assentimento enquanto a minha mente tenta acompanhá-la.

A Alma continua:

— A doença do seu pai progrediu o bastante para comprometer a sua escrita.

— Peço desculpa por interromper, e não é minha intenção ser rude — digo-lhe. — Mas qual é exatamente o seu papel aqui?

— Sou a cuidadora do seu pai. Ele contratou-me pouco depois de ser diagnosticado, a conselho do médico. Conduzo quando ele tem compromissos. Certifico-me de que ele come e toma os medicamentos a horas. Asseguro-me de que nada o perturba. — Os seus lábios formam uma linha apertada, dizendo-me que a minha presença aqui não é uma coisa que ela veja com bons olhos. Ou talvez me julgue pelo facto de ser ela a fazer estas coisas por ele e não eu.

O meu pai interrompe.

— Tenho o rascunho completo de um livro. Por contrato, tenho um prazo para o terminar, mas não consigo. — Baixa os olhos por um segundo, depois levanta-os novamente; a Alma é uma sentinela silenciosa a meu lado, dando-lhe espaço para prosseguir. — Quando nos encontramos numa situação destas, olhamos para a vida em retrospectiva. Temos remorsos.

Espero para ver se vai explicar melhor a qual dos seus muitos remorsos se está a referir.

— Não sei se isto é uma coisa que eu possa fazer por ti — digo, por fim. — Eu percebo que assinei um contrato, mas... — Olho para além dele pelas janelas para as montanhas longínquas. O meu pai tem o local perfeito para ver o momento róseo pelo qual Ojai é famosa, quando o pôr do Sol ilumina as montanhas com uma magnífica tonalidade rosa.

— Eu sei que te deixei ficar mal de mil maneiras diferentes — diz ele. — Mas preciso disto, e acho que tu também. — Não respondo, e ele diz: — Vamos experimentar. Se, após uma semana, a coisa não funcionar, podes ir-te embora.

Penso de novo no dinheiro que devo ao John Calder. Nos 500.000 dólares de que mal consegui pagar uma pequena parte. No pagamento da minha hipoteca, que no mês passado se atrasou outra vez, e na chamada do departamento de cobranças do meu advogado, pedindo para eu regularizar a minha conta, que já se aproxima dos 200.000 dólares. Penso na minha casa, que vou seguramente perder se não fizer este trabalho. Bebo um gole de chá, desejando desesperadamente o tal *gin* tónico, e digo:

— Está bem. Uma semana.

O meu pai bate com as mãos nos joelhos, encantado.

— Excelente. — Depois diz à Alma: — Temos mais umas coisas para discutir. Poderia levar as coisas da Olivia para a casa de hóspedes?

— Isso não será necessário — objetei. — Eu consigo instalar-me sozinha.

— Há lençóis lavados e toalhas novas — diz a Alma. — Infelizmente não consegui fazer nada acerca das caixas, mas espero que elas não atrapalhem. — Sai, fechando a porta suavemente atrás de si.

— Têm hámsteres mortos lá dentro? — gracejo.

Quando eu era jovem, o meu pai gostava de organizar caças ao tesouro para mim. Deixava-me mensagens na bancada da casa de banho a mandar-me correr para a sua gaveta das meias por um reluzente dólar de prata, ou coladas ao pacote do leite com instruções para ir ao armário das limpezas onde eu iria encontrar uma embalagem dos meus palitos de alcaçuz preferidos. Mas

quando eu tinha oito anos, ao chegar a casa vinda da escola, encontrei uma caixa à frente da porta do nosso apartamento. Essa caçada em particular envolvera caixas de muitos tipos, que aumentavam progressivamente de tamanho até eu encontrar a última metida debaixo do lavatório da casa de banho.

— Isso foi um erro — reage o meu pai, trazendo-me de novo para o presente. — Poderia ter acontecido a qualquer pessoa.

— Não a pessoas com um conhecimento básico de biologia — digo-lhe eu. — Toda a gente sabe que é necessário fazer mais do que dois buracos na tampa.

Bebo mais dois goles de chá, à espera de que a reação de defesa do meu pai esmoreça. Finalmente, ele diz:

— Sabes que já há sete anos que não bebo.

— Parabéns — digo, perguntando-me se ele está prestes a fazer alguma espécie de retratação.

— A bebida quase me matou, por isso deixei de beber. A ironia é que, de qualquer modo, agora estou a morrer.

Sacudo a onda de remorso e medo de que possa perder o homem que passei anos a convencer-me de que não precisava.

— Fala-me do livro.

O meu pai gira sobre a cadeira e abre a gaveta do fundo da secretária, tirando de lá um maço de blocos de notas amarrado por elásticos — uns vinte ou trinta. Horrorizada, dou-me conta de que ele escreveu aquilo tudo à mão.

— Há umas quantas coisas que precisas de saber. — Ele hesita, como se não tivesse a certeza de como continuar. — Em primeiro lugar, não é um romance. São memórias.

— Não percebo — digo. — Porquê mentir acerca disso?

— Não queríamos que ninguém soubesse do âmbito do projeto para o caso de tu não aceites.

É claro. O meu pai quer que eu escreva por ele umas memórias sobre a sua carreira gloriosa. Para exaltar o seu talento, os seus muitos prémios e sucessos. Não sei se conseguirei fazer isso objetivamente, mas prometi que tentaria.

— Há certamente imenso material com que trabalhar — disse eu. — Vou precisar de acesso a todos os teus editores e publicitários ao longo dos anos, e ao teu agente, é claro. E para que saibas, não vou encobrir o teu vício ou o teu comportamento. Não quererias que o fizesse. Os escândalos vendem livros, e tu certamente criaste muitos.

— Estás equivocada — diz ele. — As memórias não são acerca da minha

carreira. São sobre a minha infância. São especificamente sobre a minha família e os meses que antecederam os homicídios do Danny e da Poppy.

Recosto-me na cadeira e fito-o, a mentira sobre o romance fazendo subitamente sentido. Se se soubesse que o meu pai queria escrever uma revelação sobre os homicídios, as pessoas iam ficar loucas. Dou de novo voltas à cabeça acerca de com quem vou precisar de falar — amigos do Danny e da Poppy, todos os que trabalharam no caso em 1975. Gente que conhecia o meu pai.

A minha mãe.

Não sei se estou preparada para enfrentar este projeto, e, no entanto, sinto-me como se tivesse esperado a minha vida inteira para o escrever.

— Vou ter de ler tudo o que escreveste até agora — digo eu, por fim. — Mas vou precisar também da tua autorização para falar com as pessoas que estiveram lá. Fizeste algum desse trabalho preparatório? Disseste-lhes que estás a escrever um livro? — pergunto, de peito apertado, imaginando ter de abordar pessoas desconhecidas. Normalmente, quando alguém decide escrever umas memórias, diz às pessoas mais próximas que eu vou entrar em contacto e que não faz mal elas falarem comigo.

O meu pai abana a cabeça.

— Não creio que isso seja necessário. Não te contratei para escreveres um livro; contratei-te para corrigires aquele que já existe.

— E se eu tiver de reescrever alguma coisa?

— Eu sei como escrever um livro, Olivia.

— Sabes como escrever um romance — esclareço. — Isto é completamente diferente. Um livro como este tem de se basear em factos, não em ficção.

— Isso não é negociável. Ninguém sabe o que eu sei e, por isso, seja como for, não te podem ajudar. E gostaria de te recordar que uma quebra do contrato provavelmente não é uma coisa que queiras explorar. — O seu olhar é duro, e ele aguenta o meu, à espera de que eu me renda.

Quero levantar-me e ir-me embora. Dizer-lhe que não é assim que trabalho. Ou que não me importo de arranjar acordos de confidencialidade para as pessoas envolvidas, se isso o fizer sentir-se mais confortável, mas a ideia de as abordar — Margot, a melhor amiga da Poppy; Mark, o melhor amigo do Danny; a minha mãe — e explicar que o meu pai está a escrever um livro sobre o drama que têm em comum não é uma coisa que eu queira fazer.

Ele estende-me o maço de blocos de notas.

— Peço desculpa por não ter digitado o texto. — Indica vagamente a confusão que agora tenho no colo, as bordas das páginas amolecidas, algumas

delas manchadas. — Tudo aquilo de que precisas está aí — diz ele. — A única coisa que tens de fazer é transcrever isso e limpar o texto. Achei que eu próprio conseguiria fazê-lo, mas a minha doença tinha outros planos. — Mostra um ar derrotado. — Isto para ti deve ser dinheiro fácil. Calculei quatro semanas, no máximo. Depois podes ir à tua vida.

O meu desconforto perante a ideia de me sentar com a minha mãe pela primeira vez em quase quarenta anos desvanece-se ao olhar para a pilha de páginas amarrotadas. Vou admitir que estou imensamente curiosa para ver o que o meu pai tem a dizer sobre aquela época. Aqueles acontecimentos.

— Porque queres escrever este livro? — pergunto. — O que estás à espera de alcançar?

O meu pai suspira e olha pela janela.

— Preciso do dinheiro — admite ele. A sua voz torna-se mais baixa ao continuar. — O género de estilo de vida que eu levava torna-se caro.

Penso em quantos livros o meu pai vendeu ao longo da sua carreira. Na dimensão dos seus adiantamentos e nas opções para filmes — sete dos seus livros foram adaptados ao cinema.

— Estás a dizer-me que estás falido?

Ele olha para mim novamente e diz:

— Estou a dizer que já não resta grande coisa. Certamente não o suficiente para pagar o meu tratamento, que irá ficar mais caro à medida que o meu estado se agrave.

— E a casa? — pergunto. — Nesta altura, deve valer vários milhões.

Ele abana a cabeça.

— Precisa de um telhado novo. De uma revisão da canalização e da electricidade. Além disso, tirei a maior parte do capital e gastei-o.

— E outros investimentos? Propriedades?

— Nunca cheguei a comprar nada.

Estou anestesiada. Imaginei muitas vezes como iria tomar conhecimento do falecimento do meu pai. Um obituário no *The New York Times* depositado na minha caixa de correio eletrónico? Um texto numa rede social a circular entre os meus *posts*? Nunca esperei que ele me deixasse alguma coisa, sempre presumi que o seu dinheiro iria para obras de beneficência. Para ser franca, não me admiro que não reste nada.

Meu Deus, que par nós fazemos.

— Preciso que isto funcione, Olivia. Mas, tirando o dinheiro, foram décadas de especulações. De rumores e insinuações. Percebo que eu tenha tido um papel nisso ao recusar falar sobre as coisas. — Lança-me um olhar

indagante e diz: — Ninguém conheceu a Poppy e o Danny da forma que eu conheci. Nem os seus amigos, nem sequer os nossos pais. Quando eu morrer, eles morrerão comigo, sem nunca terem conseguido viver. Isto é o mínimo que posso fazer por eles.

Não digo nada, sabendo que isto não tem que ver com a minha tia nem com o meu tio. Tem que ver com ganhar dinheiro e manipular-me uma última vez.